

SIMPÓSIO AT143

SUBJETIVIDADE E CONSTRUÇÃO DE SENTIDOS EM DISCURSOS PRODUZIDOS POR INDÍGENAS TUPINIQUINS

RECLA, Adriana
Faculdades Integradas de Aracruz-FAACZ
arecla@gmail.com

Resumo: Neste artigo analisaremos o discurso “O lobisomem”, editado na coletânea *Os tupinikim e guarani contam...* (MUGRABI, 2005), produzido por indígenas tupiniquins, da aldeia Caeiras Velhas, em Aracruz, estado do Espírito Santo-Brasil. Nosso propósito é verificar como a subjetividade e as relações interdiscursivas perpassam as práticas discursivas da população indígena selecionada, negociando a construção de sentidos. Tomamos os trabalhos de Benveniste (1988) e Kerbrat-Orecchioni (1980) para compreendermos a noção de subjetividade e buscamos nas propostas de Maingueneau (2005, 2006, 2008, 2015) os processos metodológicos para a análise do discurso selecionado. Elegemos, para a análise, as categorias de interdiscurso, cenas de enunciação (ênfatisando a cenografia) e de *ethos* discursivo. Verificamos que as relações de subjetividade manifestam-se essencialmente no discurso, em que tiveram origem, pois ele representa o acesso às maneiras pelas quais a etnia tupiniquim constrói o próprio espaço discursivo, pensa sobre si mesma, o que desvela as especificidades e a identidade do discurso indígena. Notamos, ainda, que o *ethos*, as representações de tradição, os traços históricos e socioculturais materializados linguisticamente no corpus selecionado constroem um lugar social de indígena e depreendem a imagem discursiva do sujeito indígena subjacente no discurso, relacionando-a às imagens de indígenas construídas historicamente no imaginário nacional.

Palavras-chave: Subjetividade; Discurso; Tupiniquins.

Abstract: In this article we will analyze the discourse "The werewolf", published in the compilation *Os tupinikim e guarani contam ...* (MUGRABI, 2005), produced by indigenous Tupiniquins, from the village Caeiras Velhas, in Aracruz, Espírito Santo state. Our purpose is to verify how subjectivity and interdiscursive relations permeate the discursive practices of the selected indigenous population, negotiating the construction of meanings. We take the works of Benveniste (1988) and Kerbrat-Orecchioni (1980) in order to understand the notion of subjectivity and seek in Maingueneau's proposals (2005, 2006, 2008, 2015) the methodological processes for the analysis of the selected discourse. We chose, for the analysis, the categories of interdiscourse, scenes of enunciation (emphasizing the set design) and discursive *ethos*. We verify that the relations of subjectivity are essentially manifested in the

discourse, in which they originated, since it represents the access to the ways in which the Tupinikin ethnic group constructs the discursive space itself, thinks about itself, which reveals the specificities and the identity of the indigenous discourse. We also note that the ethos, representations of tradition, historical and socio-cultural traits linguistically materialized in the selected corpus construct a social place of the indigenous and the discursive image of the underlying indigenous subject in the discourse, relating it to historically constructed indigenous images in the national imagination.

Keywords: Subjectivity; Discourse; Tupiniquins.

Introdução

Neste artigo analisaremos o discurso “O lobisomem”, editado na coletânea *Os tupinikim e guarani contam...* (MUGRABI, 2005), produzido por indígenas tupiniquins¹, da aldeia Caeiras Velhas, em Aracruz, estado do Espírito Santo-Brasil.

Nosso propósito é verificar como a subjetividade e as relações interdiscursivas perpassam as práticas discursivas da população indígena selecionada, negociando a construção de sentidos. Tomamos os trabalhos de Benveniste (1988) e Kerbrat-Orecchioni (1980) para compreendermos a noção de subjetividade. Entendemos que é a subjetividade enunciativa que permite ao enunciador enunciar legitimamente e, no discurso, ela diz respeito às marcas linguísticas da presença do enunciador em seu enunciado, tanto na produção escrita quanto na produção oral, mesmo sendo em formas e graus diferentes. Maingueneau se preocupa com a questão da subjetividade enunciativa ao tratar do modo de enunciação. Por esta razão, buscamos nas propostas de Maingueneau (2005, 2006) os processos metodológicos para a análise do discurso selecionado.

Elegemos, para a análise, as categorias de interdiscurso, cenas de enunciação (ênfatizando a cenografia) e de *ethos* discursivo. Verificamos que as relações de subjetividade manifestam-se essencialmente no discurso, em que tiveram origem, pois ele representa o acesso às maneiras pelas quais a

¹ Os tupiniquins, no Espírito Santo, habitam o município de Aracruz, na região norte do Estado do Espírito Santo, e estão distribuídos em quatro aldeias: Caeiras Velhas, Pau-Brasil, Irajá e Comboios, com aproximadamente 2000 habitantes (RECLA, 2009, p. 11).

etnia tupiniquim constrói o próprio espaço discursivo, pensa sobre si mesma, o que desvela as especificidades e a identidade do discurso indígena.

Verificamos que o ethos, as representações de tradição, os traços históricos e socioculturais materializados linguisticamente no corpus selecionado constroem um lugar social de indígena e depreendem a imagem discursiva do sujeito indígena subjacente no discurso, relacionando-a às imagens de indígenas construídas historicamente no imaginário nacional.

1. Subjetividade e construção de sentidos: análise no discurso “O lobisomen” produzido por indígenas tupiniquins

Preconizada por Benveniste (1988), iniciador da Teoria da Enunciação, a noção de subjetividade não diz respeito somente à expressão dos sentimentos que o indivíduo experimenta, mas à capacidade de o enunciador se propor como sujeito de seu enunciado. Para ele, é na linguagem e pela linguagem que o homem se constitui como sujeito. Desse modo, a noção de subjetividade propõe como fatos enunciativos tanto as marcas linguísticas da presença do sujeito no enunciado, como os pronomes pessoais e dos dêiticos de uma língua.

Posteriormente, Kerbrat-Orecchioni (1980) ampliou o postulado de Benveniste, ao descrever as relações que ocorrem entre o enunciado e os diferentes elementos do quadro enunciativo (os protagonistas do discurso e a situação de comunicação). A partir de seus estudos, defendeu que a subjetividade da linguagem se manifesta por vários procedimentos que imprimem a marca do sujeito no enunciado.

Nessa perspectiva, o discurso passa a ser subjetivo, ocorrendo gradação entre mais objetivo e mais subjetivo, não sendo, portanto, uma relação dicotômica. Por sua vez, o enunciador se inscreve no seu dizer não apenas por meio de marcas pronominais e dos dêiticos, deixando nas unidades lexicais certa dose de subjetividade. Por esta razão, a subjetividade na linguagem estabelece a relação entre o sujeito de enunciação e o próprio enunciado.

Mainueneau, apoiado na perspectiva da Análise do Discurso de linha francesa (doravante AD) destacou a questão da subjetividade enunciativa ao tratar do modo de enunciação, dando relevância a voz enunciativa fictícia, garantindo a presença de um corpo (o do próprio enunciador) e do tom enunciativo. O sujeito do discurso deixa, portanto, de ser o centro da interlocução, passando a ser criado no texto. Enfim, ele não é a fonte original do sentido, porque, na sua fala, outras falas se dizem.

Mainueneau (2005) trata do primado do interdiscurso em que o discurso não pode ser concebido como um sistema fechado, mas como um espaço em que a história pode e deve se inscrever. Nesse sentido, ao se analisar o discurso deve-se fazê-lo inseparável de determinadas condições conjunturais e do contexto de produção. Portanto, a unidade de análise não é mais o discurso, mas o espaço de trocas entre vários discursos.

Outra importante noção proposta por Mainueneau (2006) para a construção da enunciação é a de cena de enunciação, a qual é tripartida em: cena englobante, cena genérica e cenografia. A cena englobante situa-nos para compreendermos o discurso, a finalidade de sua organização, enfim, corresponde ao tipo de discurso. A cena genérica define o gênero de discurso.

É por intermédio destas duas cenas que o co-enunciador conhece o tipo e o gênero de discurso. Por sua vez, o discurso desenvolve-se a partir da cenografia, construída no e pelo discurso; validando o discurso, tornando-o pertinente. Compreendemos que a cenografia não é imposta. É o discurso que impõe sua cenografia desde o início. Contudo, é por intermédio de sua própria enunciação que ele legitimará a cenografia imposta. Ressaltamos, ainda, que os sujeitos interpretam e produzem enunciados que decorrem do discurso, graças a uma competência discursiva.

Temos, ainda, a noção discursiva de *ethos*, proposta por Mainueneau, a qual, ainda que indiretamente, tem relação com os estudos acerca da subjetividade da linguagem, uma vez esta noção discursiva está ligada ao estatuto do enunciador e à questão do processo de legitimação por meio de

seu discurso. O *ethos* discursivo é integrante da cena de enunciação, não ocorre isoladamente, está integrado ao plano de enunciação, sendo apreendido na materialização linguística do discurso

Ao tratar da noção discursiva de *ethos*, Maingueneau considera o papel do sujeito e a relação de corporalidade e discurso. Recla (2009, p.40) assevera que tal noção “está ligada ao estatuto do enunciador e à questão do processo de legitimação por meio de seu discurso e implica a imagem estabelecida na inter-relação entre o enunciador e o co-enunciador [...]”.

A noção de *ethos* atua na construção dos efeitos de sentido em conjunto com outras instâncias discursivas, como o tema, o tom, os modos de coesão, o vocabulário, a cena, o gênero, entre outros. O *ethos* é caracterizador de uma subjetividade da linguagem, entendido como construção discursiva.

A seguir, procedemos à análise, tomando como categoria de análise as categorias de interdiscurso, cenas de enunciação (ênfatisando a cenografia) e de *ethos* discursivo:

O lobisomem²

Conta-se que quando uma mulher tiver sete filhos, o mais velho deverá batizar o mais novo, pois se não, o filho novo se tornará um lobisomem, ou seja, um imenso cão preto, com os olhos avermelhados e dentes pontiagudos. Certa noite, um homem encontrou um enorme cão á sua frente, este avançou ferozmente contra ele. O viajante correu pelo mato e o cão o perseguiu. Apavorado, o homem pegou um grande pedaço de pau e se escondeu entre alguns arbustos. Quando o animal se aproximou, o homem bateu nele com muita força até tirar o sangue. De repente, a fera se transformou em gente bem á frente do viajante atônito.

O homem, que antes era lobisomem, ficou muito agradecido com o viajante por havê-lo desencantado. Em

² Trabalhamos com este discurso também em nossa tese, intitulada *A Semântica Global em práticas discursivas indígenas tupiniquins* (RECLA, 2014), sob orientação do Prof. Dr. Jarbas Vargas Nascimento, do Programa de Estudos Pós-Graduados em Língua Portuguesa da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo.

sinal de seu reconhecimento, pediu-lhe que esperasse, pois iria trazer-lhe um presente. Mas o viajante ficou desconfiado. Sem se demorar muito, pegou sua capa e seu chapéu e os colocou em um toco, se escondeu e ficou espiando de longe para ver qual seria o tal presente. De volta, o homem trouxe consigo uma espingarda e deu dois tiros no toco, pensando que era o viajante. O viajante saiu correndo Dali e só ouvia os gritos do ser que chamava por ele, para lhe dar um presente. Por isso que o lobisomem somente sai em noite de lua cheia, para ver se consegue encontrar o viajante que viu seu rosto e escapou.

Contada por Manoel Pinto (90 anos)
Escrita e revisada por Alessandra

A cenografia engendrada, neste discurso, recupera uma memória discursiva dos tupiniquins ao relatar sobre o lobisomem, ou melhor, ao explicar por que ele só aparece em noites de lua cheia. Podemos considerar esta cena validada, pois para os tupiniquins o lobisomem é algo presente.

O tom que perpassa o discurso é o do saber acumulado ao longo dos tempos, da credence e do respeito aos elementos místicos que fazem parte do espaço discursivo tupiniquim. É o tom que permite ao co-enunciador construir uma representação do corpo do enunciador, que não é o corpo empírico. Essa temática é muito pertinente para os tupiniquins por ser parte constituinte de sua memória, de suas práticas discursivas.

Temos, nesse discurso, o interdiscurso folclórico e místico, muito presente na memória discursiva dos tupiniquins. O tema é constituído, pois são retomados interdiscursos que acenam para os elementos fundamentais da cultura indígena, por exemplo, a crença no lobisomem. Verificamos também a presença do interdiscursivo religioso, atestado em “Conta-se que quando uma mulher tiver sete filhos, o mais velho deverá batizar o mais novo” [grifo nosso].

Os efeitos de sentido que se constroem por intermédio dos interdiscursos, tornam-se produtores de histórias divulgadas pelo indígena

tupiniquim, legitimados graças à competência interdiscursiva, a qual auxilia na construção do tema e vai engendrando a cenografia.

Os modos e o espaço de circulação desse discurso são legitimados devido ao posicionamento assumido pelo estatuto do enunciador, que se mostra conhecedor desse ser mítico. Durante a enunciação, notamos que o enunciador conferi, bem como conferi a seu co-enunciador, certo destaque legitimando seu dizer. Desse modo, discursos como esse podem ser encontrados nas práticas cotidianas dos tupiniquins por serem parte da memória discursiva dessa etnia.

Quanto ao modo de coesão, há simplicidade e o detalhe da descrição revela a habilidade do enunciador em construir um discurso cujas restrições semânticas revelam as especificidades do discurso indígena. O estatuto do enunciador mostra, embora isso não esteja expresso claramente, a imposição da crença no lobisomem.

Podemos afirmar que na construção desta enunciação, o enunciador faz a apropriação da realidade de maneira particular, o que se faz refletir no ato enunciativo, pois ele não está separado da história. O enunciador constroa a presença do “eu” e a subjetividade torna-se, por conseguinte, parte integrante do próprio sujeito.

Por fim, esse discurso é muito recorrente nas práticas cotidianas dos tupiniquins por ser parte da memória discursiva dessa etnia.

Considerações Finais

Na análise realizada, o enunciador considera o que está sendo enunciado como um mundo possível, em que os sujeitos se percebem e se veem envolvidos pelas circunstâncias socio-históricas presentes no discurso e correlacionam as várias situações presentificadas no discurso com o cotidiano, o que se desdobra em identificação.

